

ECOS

da Academia de Saberes



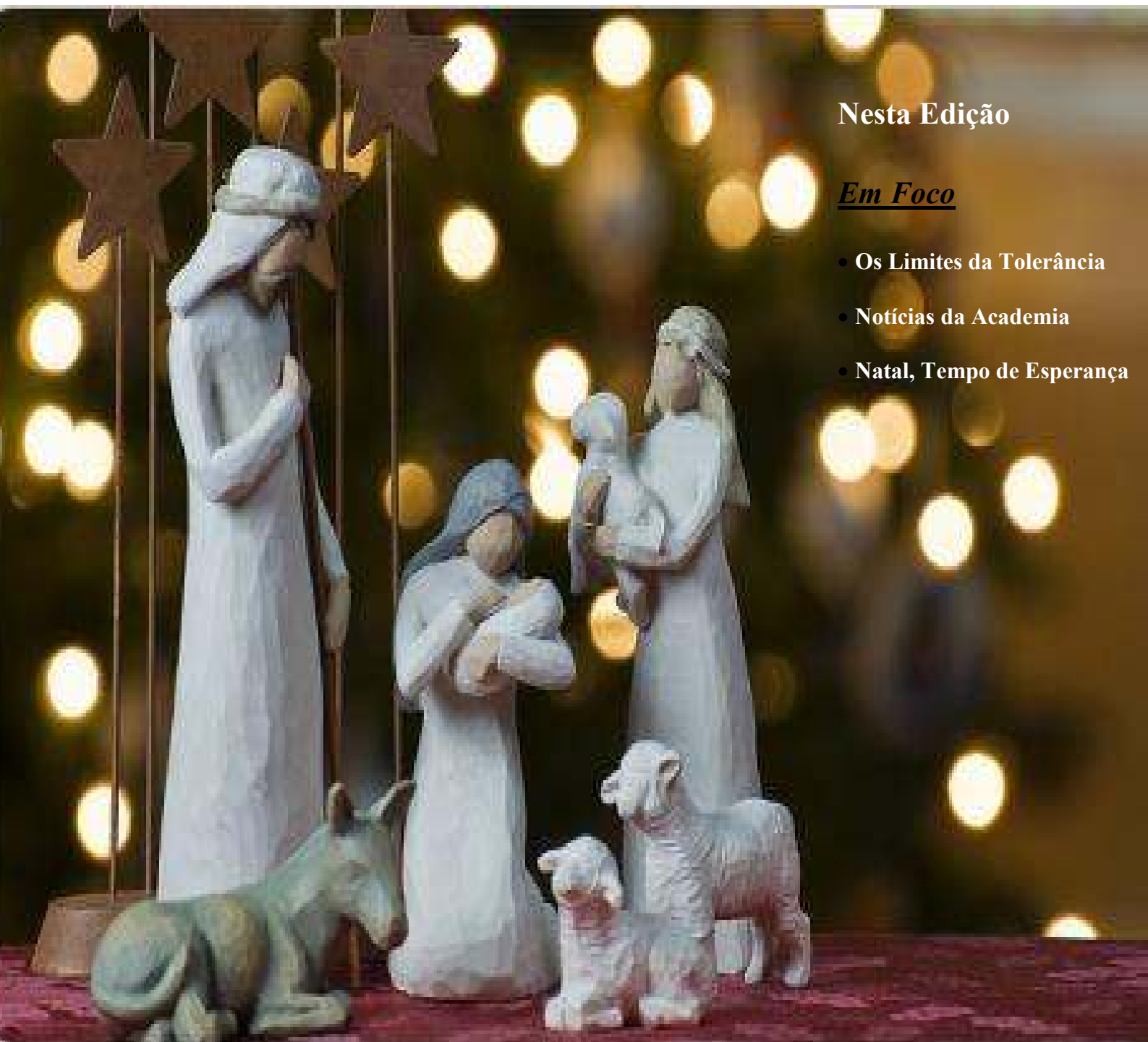
Academia de Saberes de Aveiro
Praça da República – Casa Municipal da Cultura, 1º andar – 3810-156 Aveiro
Telefone 234108360; Telemóvel 963420530

Ano VI - Nº 1 – Dezembro 2011

Nesta Edição

Em Foco

- Os Limites da Tolerância
- Notícias da Academia
- Natal, Tempo de Esperança





Ficha Técnica

Ecos da Academia de Saberes
Academia de Saberes de Aveiro

Coordenação e Redacção

Área de Comunicação

Informatização e Paginação

A. Coutinho Dias e M^a Cacilda Marado

Fotografia

Maria Teresa Cardoso

Colaboradores desta edição

Aida Viegas
Alcino Cartaxo
António Coutinho Dias
Conceição Neiva
Conceição Seabra
Domingos Cardoso
Graciete Manangão
Gracinda Campos
Helena Calado
Isabel Maria Almeida
José Carreto Lages
José Manuel Cachim
Leonilde Oliveira
Manuela Salgueiro
Maria Armanda Ferreira
Maria Cacilda Marado
Maria Celeste Salgueiro
Maria Elisete Lebre
Maria Helena Fidalgo
Maria José Craveiro Valente
Maria José Sampaio
Maria Teresa Albuquerque
Sílvia Paradela

Editorial

Direcção renovada na Academia de Saberes. Novas ideias, projectos e quereres. Outras oportunidades de diálogo e de intervenção. O Ecos continua a querer ser força de partilha e de serviço a todos os academistas.

Neste nosso tempo de instabilidade, de preocupações e de tensão, o Ecos pretende deixar um sopro de diferença e uma atitude de persistência.

Neste Natal, que a esperança de todos se renove, são os votos deste nosso jornal.

Maria Cacilda Marado

Notícias da Academia

Abertura Solene do Ano Lectivo



Na Abertura Solene deste ano lectivo da nossa Academia, a 28 de Setembro último, D. Manuel Martins, Bispo Emérito de Setúbal, foi o orador convidado e falou, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, completamente lotado por sócios e distintos convidados, da importância das Universidades que promovem o saber e o encontro de Séniores, “o que lhes vai permitir entrar no futuro de cabeça levantada”. D. Manuel sublinhou que “apesar de aposentados queremos ser gente e viver como gente, ainda que nos queiram ferir com o estatuto de imbecilidade”. E acrescentou com a sua firmeza de convicções e a sua habitual frontalidade “que é preciso e é urgente que as pessoas conquistem mais cidadania”.

Tem sido essa a missão da Academia de Saberes de Aveiro, ao longo destes sete anos de existência, incentivar aqueles que já entraram na Idade Maior, a contribuir com o seu saber e a sua vontade de aprender para uma sociedade mais consciente dos seus deveres e dos seus direitos.

Aprendendo, viajando e convivendo ganhamos novas energias para melhorar a nossa auto-estima, conquistar novas amizades, descobrir aptidões e relembrar emoções.



Motivar os nossos sócios a prosseguirem com a sua Formação, que não deve nunca parar ao longo da





nossa existência, é o propósito desta Direcção que, no dia 1 de Julho último, foi eleita.

Contamos com o vosso incentivo através de sugestões e críticas que nos ajudem a melhor servir a causa por que lutamos: tornarmo-nos mais felizes, fazendo os outros felizes.

Maria Teresa Albuquerque

Área de Comunicação em festa

Foi em Novembro que os formandos e a sua formadora celebraram a sua *rentrée*. *As imagens falam por si.*



Viagem cultural por terras do Ribatejo

O dia 15 de Novembro despertou cinzento e chuvoso. À hora marcada e conforme o previsto, lá nos encontrámos para seguir viagem rumo ao Ribatejo. Um certo desalento, que inicialmente pairava entre nós motivado pelo estado do tempo, depressa se dissipou e a boa disposição reinou como habitualmente nestas viagens organizadas pela área da Comunicação.

Iniciámos esta viagem cultural visitando a Fundação José Saramago, em Azinhaga do

Ribatejo, sua terra natal. Lá encontrámos objectos ligados à sua infância, que ficou marcada pelas suas vivências com os avós maternos, pelas suas ligações ao rio Almonda e à aldeia.

Continuando este périplo cultural, chegámos à Golegã para uma visita à magnífica Casa-Estúdio de Carlos Relvas, um monumento marcante da arquitectura do ferro e do revivalismo de estilos como o gótico e o mourisco, construída entre 1871 e 1875. Carlos Relvas foi uma das personalidades mais ilustres e multifacetadas da sua época, pois além de lavrador, foi cavaleiro, criador de cavalos, músico, inventor e um apaixonado pela fotografia, cuja técnica dominava com arte e engenho.

Entretanto, a hora do almoço chegou e a boa gastronomia do restaurante “O Barrigas” satisfaz os mais variados gostos.

A Casa Museu dos Patudos, em Alpiarça, foi a última etapa da nossa viagem. Foi fundada por José Relvas (filho de Carlos Relvas), figura notável da vida política da 1ª República. A simplicidade do seu aspecto exterior contrasta com o riquíssimo espólio do interior, nomeadamente o mobiliário dos séculos XVII e XVIII, painéis de azulejos setecentistas, porcelanas da Companhia das Índias, japonesa e outras, tapetes de arraiolos bordados a seda, pinturas e esculturas de várias escolas, entre elas a portuguesa, com obras de Silva Porto, Sousa Pinto, Soares dos Reis, Malhoa... Não menos importante, a sua riquíssima biblioteca e os aposentos anteriormente ocupados pela família Relvas, onde estão expostos alguns dos seus objectos pessoais e fotografias da família.

A Casa dos Patudos, com todo o seu recheio artístico, foi doada ao Município de Alpiarça por testamento datado de 1929 e aberta ao público em 1960.



E a viagem aproximava-se do fim. A boa disposição e o companheirismo que sempre imperaram ao longo do dia continuaram no autocarro, já de regresso a casa. Desde canções, anedotas, concurso literário, tudo serviu para nos divertir.

E foi neste clima de sã camaradagem que chegámos a Aveiro, convictos de que estas iniciativas muito nos enriquecem a todos os níveis.

Gracinda, Leonilde e Helena Calado





Mais alguns *flashes* (anónimos), sobre a visita de estudo, grafados em aula, nas Áreas de Comunicação



Apesar do tempo nublado e cinzento, o desejo e a alegria de iniciar a visita pairava nos nossos corações. Mas, de repente, o sol começou a sorrir e eu também sorri durante toda a viagem.

Azinhaga do Ribatejo recebeu-nos e lembrou-nos o quão importante tem sido Saramago no nosso crescimento literário. O rio Almonda, com a sua simplicidade e modéstia, confirma as palavras do texto de José Saramago, *As Pequenas Memórias*.

Como se aprende a viajar! E como é significativo o lugar onde se passa a infância! Afinal, seria azedume o que sobressaía das palavras de Saramago, ou, pelo contrário, o sofrimento pelo sofrimento de gentes simples? Casas humildes, pobres, vidas gastas pela dureza do trabalho, que passado rico na construção de um presente tantas vezes pobre de valores...

Hoje, sinto-me pequenina perante a grandiosidade do que vi no Museu de Fotografia e na Casa dos Patudos. Efectivamente, a técnica da casa estúdio Carlos Relvas era muitíssimo avançada para a época o que confirma que os portugueses desde sempre foram muito criadores e atentos às novidades. O espírito culto e aventureiro de Carlos Relvas retrata bem o burguês/aristocrata da sociedade rural da segunda metade do século XIX. Todavia, o seu desejo de conhecer, de viajar e de comunicar, na época, não o afastou da sua terra, da pátria, dos usos e costumes que caracterizavam um bom ribatejano. José Relvas, um dos seus filhos, deixa-nos a Casa dos Patudos cujo recheio é um símbolo da época e dos seus ideais.

Creio que o ponto mais alto da viagem foi a visita à Casa dos Patudos. O seu recheio e a sua construção são marcas bem visíveis do quanto avançados eram para a época Carlos Relvas e José Relvas.

Infelizmente, *santos da porta não fazem milagres*. Como é que, em Portugal é ignorado, e no estrangeiro é que é premiado o bote salva-vidas de Carlos Relvas?

Esta viagem foi uma boa oportunidade de saborear um bom ambiente com os colegas da Academia e uma forma de conhecer lugares desconhecidos para mim. Foi pena não termos autorização para tirar fotografias nos museus que visitámos. É que a memória já nos vai atraíndo...

Este passeio vai ficar comigo, tenho a certeza. Foi fantástico, cheio de entusiasmo e de sabores únicos, quente pela alegria que nos inundou a todos, surpreendente. Uma viagem para mais tarde recordar.

Uma visita inolvidável que veio enriquecer muito o meu conhecimento.

Viajar é olhar. Viajar é partilhar emoções, atitudes, amizades! Viajar é ter a noção de que existe mais mundo para além do mundo que nos envolve no dia-a-dia. É sair da rotina, apreciar outros costumes, variedades gastronómicas, modos de viver, de sentir e de ser. No caso presente, ter sentido o sabor da hospitalidade e da solidariedade.

Não fui ao passeio, mas, depois das fotografias que eu vi e do que ouvi das colegas, concluo que deixei de me cultivar um pouco mais e que perdi a oportunidade de desfrutar da sã e alegre camaradagem.

Momentos...

Momentos fortes de convívio, momentos saborosos de repasto, momentos impressionantes de arte, momentos expectantes de literatura saramaguiana!

Devemos continuar com estes projectos, pois assim manter-nos-emos vivos e activos.



Áreas de Comunicação I e II





Ainda sobre a viagem das Áreas de Comunicação

Como não dá importância
A viagens culturais
Acaba na ignorância
O mais sábio dos mortais

O meu forte não é a modéstia
E por isso eu me confesso
De humilde nem uma réstia
Por isso desculpas peço

Já vi fotos do passeio
Vi a cultura passar
E para meu enleio
Todos a desafinar

Cachim

Visita de Estudo a Coimbra, a Alcobaça e à Batalha



No passado dia 2 de Dezembro, um grupo de formandos da Área de Património deslocou-se a Coimbra, a Alcobaça e à Batalha para observar, *in loco*, três obras grandiosas que ocupam um lugar destacado no património, na identidade e na história de Portugal, quer pela sua beleza, quer pelo seu significado político, artístico e cultural.

O grupo ouviu atentamente as informações prestadas pelo Professor Doutor Manuel Ferreira Rodrigues que nos falou do aspecto amuralhado da Sé Velha de Coimbra, construída em estilo românico, apresentando exteriormente três contrafortes que ajudam a sustentar a pesada estrutura do edifício da catedral abobadada. No interior, a luz coada pelas estreitas frestas abertas nas paredes cria no espaço repartido por três naves um ambiente de recolhimento propício à oração e à reflexão.

Em Alcobaça, encontrámos um mosteiro imponente, construído em estilo gótico pelos

monges de Cister, onde a luz entra mais livremente, contribuindo para a sensação de leveza que emana de todo o conjunto arquitectónico. Apesar de sobejamente conhecidos, os túmulos de D. Pedro e de Inês de Castro provocam sempre um arripio de admiração e de incredulidade na capacidade do engenho humano para criar tanta beleza.



E para terminar a visita, nada melhor do que, na Batalha, passar por debaixo dos arcos da porta principal da igreja, também construída em estilo gótico tardio, e rever a Capela do Fundador, onde se encontram os túmulos de D. João I, de sua esposa D. Filipa de Lencastre e dos seus filhos.

E ao fim da tarde regressámos mais ricos e mais conscientes do valor e da relevância do nosso passado colectivo.

Domingos Cardoso

Conversas

No passado dia 28 de Outubro, juntámo-nos, uma vez mais, desta feita para falar de Voluntariado. À escolha do tema não foi alheio o facto de se comemorar, em 2011, o ANO EUROPEU DO VOLUNTARIADO.

Mercê do contributo de todos, chegou-se à definição de voluntário, definição que não andou longe da adoptada pela Organização das Nações Unidas, que se transcreve:

"Voluntário é o jovem ou adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de actividades, organizadas ou não, de bem estar social ou outros campos".

Foram abordados diversos aspectos, tais como objectivos, características, áreas de incidência, instituições beneficiadas (em geral, em Portugal e em Aveiro) e requisitos para o exercício do Voluntariado.

Foi uma tarde animada em que estiveram presentes várias pessoas, todas participando com a sua achega interessada.

Maria Elisete Lebre





Os limites da Tolerância

(Tema envolvente da Área de Comunicação)

Os Limites da Tolerância

Pelo *Google* hoje entrei,
Qual portal ao mundo aberto!
Filósofos procurei,
Por meus eleitos chamei,
Sempre de mim estão por perto...
Tal como a ave que voa
Pelo azul do Litoral,
Veloz chega de Lisboa
Nosso Fernando Pessoa
Dos maiores de Portugal!

– «Chamaste-nos – qual razão –
Já Voltaire está a entrar;
E vem p'ra reunião,
Presidir nesta lição,
Locke para te ajudar!»!
– Limites de tolerância
É o que quero saber;
Só vós, Mestres, minha ânsia
Com a vossa consonância
Me levareis a entender!
Não é fácil seu juízo
P'ra limites lhe aplicar;
Um porte firme, preciso,
Carece de muito siso
Para guerra não criar!
Ela é defesa aliada
Do direito à diferença;
Se, convosco, cultivada
Será, pois, mais respeitada,
Evadindo a desavença!

Limites de tolerância
É o que quero saber;
Só vós, Mestres, minha ânsia
Com a vossa consonância
Me levareis a entender!

Silvia Paradela

Praticar a Tolerância?

Resumidamente, *limite* é algo que demarca, que põe termo. *Tolerância* significa permissão, consentimento.

Limites da tolerância. Quando, porquê, em que circunstâncias?

Comummente, dizemos, na gíria: *já não tenho pachorra, enchi.*

Todavia, corremos o risco de nos deixarmos conduzir pela nossa capacidade de ver apenas o mundo à nossa maneira. Por isto, é bom que deixemos imperar o bom senso, a nossa mundividência e a dos outros, e, depois desse confronto, denunciarmos em vez de nos conformarmos numa inépcia doentia e medrosa. Então, aí, dizermos um *já basta* a plenos pulmões:

- A situações de injustiça, como por exemplo o que vai acontecer, no nosso país, no corte de subsídios apenas aos funcionários públicos e a todos os aposentados/reformados.

- A situações de exploração, como na remuneração injusta dos trabalhadores, quando a entidade patronal arrecada para seu único proveito o resultado do trabalho sofrido do prestador.

- A estados que se auto afirmam democráticos, quando as diferenças sociais cada vez são mais flagrantes, como o que infelizmente acontece por cá também.

- A situações de violência familiar, física e psicológica.

- A situações de exploração de menores em nome do lucro.

- A situações de actuação de máfias no tráfico de armas, de órgãos, de prostituição.

- A situações em que a liberdade de imprensa está em perigo, quando os poderes políticos, ou outros, qual panóptico de Jeremy Bentham, transformam, *domesticam*.

- A situações em que a destruição da natureza se submete a interesses economicistas, ou é um acto flagrante da inoperância das instâncias políticas, sociais ou outras.

- A situações em que o respeito pelo trabalho do outro e o crescimento pessoal não se consideram, como acontece tantas vezes nas nossas escolas, quando os professores demonstram insegurança na manutenção da disciplina, ou os alunos, assintomaticamente, insistem em faltar ao respeito às regras, aos mais velhos, aos professores, aos colegas.

- A situações em que aqueles que estão a ser ajudados persistem numa atitude de dependência tal que, *como os outros tratam de mim não preciso de fazer nada...*

Então, não praticar a tolerância? Pelo contrário, mas não esquecendo que, em muitas situações, ela necessita de balizas, de limites.

Maria Cacilda Marado





Tolerância é o caminho

Em volta o mundo inteiro em convulsão:
Não há paz, segurança e harmonia;
Impera o egoísmo em demasia,
Cada um julga ter sua razão!

Porém p'ra tudo existe solução
E assim teria fim a guerra fria
Se houvesse tolerância em cada dia,
Se cada um se olhasse como irmão!

Buscar o lado bom de toda a gente,
A todos respeitar, ser indulgente,
Tentando conviver sem guerrear;

Acolher quem precisa em nossos braços,
Semear tolerância, criar laços,
Assim terá sentido o caminhar!

Maria Celeste

Limites do Silêncio

Limítrofe do imprevisível,
Impossível de determinar,
Mesmo, por vezes, alterar...
Inaudível invocação,
Temendo tudo e todos,
Enquanto é vivida terrível situação!
Segredos inconfessáveis,
Dominam toda a percepção
Onde só existe medo, terror,
Sem direito à tolerância, ao amor...
Incapacitando de dialogar,
Limitando a aceitar o inaceitável,
Enquanto, cada vez mais, se está a violentar!
Nesta inconcebível existência,
Com tudo destruído, poderá, ainda, esperança
haver?
Impedimento subsiste, sempre, para evitar trágico
fim...
Ou seja, a “Vida”, dádiva divina de “Amor”,
Que “tudo” consegue transformar!

Conceição Neiva

Tenho um grito no meu peito
Que me sufoca e maltrata
Se esse grito eu não soltar
Qualquer dia ele me mata.

É um grito de revolta
É um grito de tristeza
Que escondido no silêncio
Faz tremer a natureza.

Aida Viegas

Tolerância

*O hábito de tudo tolerar pode ser a
causa de muitos erros e de muitos perigos.*

Marcus Cícero

*O racista é um sujeito
misantropo, um perigo
para a humanidade*

coisa que não se deve tolerar.

Leandro Bahiah

O conceito de Tolerância merece um percurso que nos conduz à reflexão de fenómenos que o dia-a-dia divulga, a violência social e doméstica esconde, o medo silencia, o sorriso que nem sempre significa verdade ou seriedade é uma virtude que abre o caminho ao ser humano para assumir a condição humana e a civilidade.

A palavra *Tolerância* provém do latim *tolerantia* que vem de *tolerare* que significa, etimologicamente, *suportar, sofrer, resistir*. A tolerância pressupõe sempre um padrão de referência, as margens de tolerância e aquilo que se assume como intolerável, e pode surgir como a simples aceitação das diferenças entre aquele que tolera e o tolerado.

Segundo a Declaração de Princípios sobre a Tolerância da UNESCO, tem-se que “*a tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas do nosso mundo, dos nossos modos de expressão e das nossas maneiras de exprimir a nossa qualidade de seres humanos. É fomentada pelo conhecimento, a abertura de espírito, a comunicação e a liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A tolerância é a harmonia na diferença. Não só é um dever de ordem ética; é, igualmente, uma necessidade política e jurídica. A tolerância é uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz.*”





Voltaire interroga-se e interroga-nos: “*O que é a tolerância? É o apanágio da humanidade. Todos somos feitos de fraquezas e de erros; perdoemo-nos, uns aos outros, as nossas tolices, eis a primeira lei da natureza*”. No período iluminista, no qual se modificou a concepção do mundo, passando o homem a ser visto não como simples criatura sujeita à vontade divina, mas como um ser racional que pode controlar os seus desejos, a tolerância adquiriu especial relevância, nas grandes discussões acerca da religião, intensificada na Reforma Protestante e na contra-reforma Católica.

Kofi Annan, no dia 16 de Novembro de 2006, por ocasião do Dia Internacional da Tolerância, envia ao Mundo estas Palavras: “*Os últimos anos têm sido marcados por um acentuado aumento da intolerância, extremismo e violência em todo o mundo. Esta inquietante tendência é estimulada, em parte, pela crescente tendência para definir as diferenças em termos de identidade e não em termos de opiniões ou de interesses.*

Em consequência disso, indivíduos e comunidades inteiras são atacados e são alvo de violência, simplesmente devido à sua origem étnica, religião, nacionalidade ou outras. Essas ameaças, que vão desde o genocídio em grande escala até humilhações provocadas pela intolerância diária, deveriam ser um motivo de preocupação para todos. Cada um de nós deve esforçar-se por defender os princípios da tolerância, do pluralismo, do respeito mútuo e da coexistência pacífica. Devemos estar dispostos a corrigir estereótipos e preconceitos e a defender as vítimas de discriminação.

O combate à intolerância passa, em parte, por garantias jurídicas. O direito à liberdade de culto e o direito à não-discriminação por motivos religiosos estão há muito consagrados no direito internacional e muitos países incorporaram-nos na sua legislação nacional”.

A tolerância, portanto, deve ser vista como sendo o fundamento filosófico para o reconhecimento dos direitos universais do homem e do Estado Democrático de Direito, pois tolerar é reconhecer que as pessoas são diferentes, é respeitar ideologias diferentes das quais se crê, simplesmente porque é necessário conviver pacificamente com os seus iguais. Ou seja, a humanidade universal é constituída por seres humanos de diversidade cultural e de direito ao respeito e ao reconhecimento. As culturas que se instalaram, ao longo dos tempos, no decorrer dos anos, discutem que o Direito Internacional deve intervir na defesa dos direitos fundamentais individuais e colectivos,

a fim de limitar as manifestações que impeçam ou controlem a liberdade das pessoas, seja por raça, credo, sexo, idade, etc. Os adeptos do relativismo cultural têm pregado que os direitos fundamentais estão ligados à cultura de cada povo, ao seu sistema político, à sua religião. Aí se mostra a diversidade das culturas, a multiplicidade de formas e figuras em que se apresenta o ser humano, não só como desejável, mas como necessidade da própria natureza do homem social e histórico.

A meditação filosófica sobre os mitos é, numa primeira aproximação, a meditação sobre a pluralidade da verdade ética da tolerância. Numa segunda aproximação, tal pensar põe à luz a tolerância como uma das formas da justiça, uma das expressões da amizade, no mundo contemporâneo, que está ligado à reflexão sobre a não-violência, cujo modelo paradigmático é Gandhi. A virtude da tolerância expõe-se, no plano social, como exercício da cidadania e da participação, com a realização da liberdade. A descoberta da pluralidade de cultura é a descoberta da alteridade e de nós próprios como um outro entre os outros.

As culturas nacionais defrontam-se, no lançamento de uma civilização universal.

Alcino Cartaxo

Escrita Criativa

Poema

É com devida vénia e encanto
Que trago hoje comigo este poema,
Extraído de um arbusto de alfazema
Se assim meus rudes versos valem tanto!...

Descalça, pelo chão de verde manto,
Compu-los com dedicação extrema,
E, tímida, acanhada – nem que gema –
Consagro-os aos Amigos deste canto!

E porque exímios são em gentileza,
E me comove sua complacência,
Daqui grito de su'alma a riqueza!

Grata pela majestosa Excelência,
– Como faz o súbdito a sua Alteza
Me curvo com a mais alta reverência!!!

Sílvia Paradela





Se eu fosse um livro...

A culpa foi da professora de Comunicação, Maria Cacilda, perita no uso de estratégias didáticas que sempre captam o interesse dos seus alunos.

Naquele dia, a propósito do assunto da aula, leram-se e comentaram-se dois poemazinhos publicitários. *Se eu fosse um livro...* E eis que, como por magia, a sala se metamorfoseou em biblioteca. Surgiram publicações para todos os gostos. Da novela de amor ao romance de aventuras, do relato de viagens à narrativa histórica, da ficção policial à ficção com enfoque na complexidade da natureza humana. Felizmente ninguém se lembrou de ser nem uma enciclopédia sobrecarregada de erudição, nem um atlas do tamanho do mundo. Também a poesia foi olvidada. Mas isso entende-se. Quem aguentaria anos e anos de metáforas imaginativas, de rimas ricas e rimas pobres, de sílabas métricas espalhando as *horas-nossas-de-cada--dia?*

Se eu fosse um livro... Acreditem que não é uma ideia original. Há poemas, blogues, campanhas publicitárias, artigos de jornal, livros, e sabe-se lá que mais, com este mesmo título. Mas porquê *se?* Tiremos, pois, o *se*. Cada um de nós é um livro. Cada um de nós é narrador e protagonista da sua própria história. Páginas escritas momento a momento ao longo da vida. Há personagens principais e personagens secundárias, adjuvantes e oponentes. Com frequência se utiliza a analepse, alteram-se a focalização e o tom. Diversificam-se as técnicas narrativas. Aqui e ali surgem diálogos carregados de intensidade dramática; aqui e ali o humor e a ironia quebram a tensão dos conflitos. Há capítulos adoçados com lirismo, episódios polvilhados com erotismo. O sal das lágrimas tempera linhas e linhas da intriga. E, claro, convém deixar uns tantos mistérios para o leitor desvendar.

Se eu fosse um livro... Quer queira quer não, cada um de nós entra sempre como personagem ou figurante em narrativas alheias. Um bom sarilho, às vezes.

Há pessoas que são obras de referência, outras que só conseguem escrever o seu próprio enredo plagiando. Há pessoas que são livros abertos, outras que se recusam a sair da estante, onde ficam a acumular pó e a alimentar ácaros. E há os fãs de Hollywood, os que transformam a sua história em argumento e dizem: *A minha vida dava um filme.*

No fundo, independentemente do género e do estilo, cada um de nós gostaria de ser um calhamaço com muitos, muitos capítulos. Porque todos nós tememos o desfecho da nossa história, o momento em que na derradeira página do livro aparece escrita a palavra FIM.

Helena

Um Dia...

Um dia
quando eu morrer
a luz crua e fria do silêncio
fechará todas as janelas da minha casa
numa cortina impenetrável ao sol.

Um dia
quando eu morrer
o véu fino e pesado do esquecimento
descerá sobre os meus passos
apagando todos os vestígios da minha caminhada.

Um dia
quando eu morrer
uma lágrima triste e ácida
rasgará uma pétala de rosa
onde o orvalho cristalino nunca mais há-de brilhar.

Um dia
quando eu morrer
irão amarelecer os papéis onde escrevia
jazendo sobre a táctil secretária
onde a desordem os mantinha unidos sempre à mão.

Um dia
quando eu morrer
a ausência magoada
ficará para sempre presente
nos umbrais da minha porta
dizendo a quem passar que a casa está vazia
entregue ao frio
à dor
ao pó
ao bolor
ao nada...

Domingos Cardoso





Regresso

Agora vão chegar... vão voltar à escola
É preciso fazer os deveres... procurar a sacola

Já deixaram as praias e os campos,
Assemelham-se a bandos de pardais,
Agachados a brincar nos cantos,
Ao entardecer das tardes outonais.

Queimados pelo sol, vêm morenos.
Mais altos, mais fortes, mais vivo o olhar.
À sua volta agrupam-se os mais pequenos,
A ouvir suas histórias de pasmar.

Eu volto a recordar a minha infância...
Ao vê-los chegar na sua ânsia
De encontrar os companheiros e o lugar.

Olho-os nos olhos puros de criança...
Em cada olhar eu leio uma esperança
Que preciso de ter para lhes dar.

Maria José Craveiro Valente

À Borda D'Água

Retiro os pés da cama para arrastar o corpo, ainda
semi-adormecido. A fresta anuncia que não há sol.
A persiana confirma. No horizonte, esparsamente
esbatido, é o cinzento a cor que domina.

Mais um dia que amanheceu sem aviso, à mesma
hora, com o ósculo da vida.

O pensamento veste-me a ácida repulsa pelo
trabalho, no escritório.

Afasto mesmo a ida ao escritório e a tua imagem
aparece leve, mas obsessiva, como uma
necessidade.

Vou procurar encontrar-te, decido.

Aguardo que não sejas esquiva, minha enguia da
esperança!

Quero apanhar-te os passos para me induzir a força
com que me afeiçoei.

Contigo, de *carava*, iremos onde quiseses com a
fantasia, com a promessa de não te martelar a
paciência com perguntas.

Bem sabes que não quero nem costume causar
constrangimentos quando te acompanho.

É um passeio repetido à procura de uma
justificação, ou, antes, de uma confirmação.
Presumo que aguardas que desembuche a
confirmação do que tu já sabes. E eu, é exactamente
porque sei que sabes o que posso dizer-te, sem nada
te dizer, que me contendo em não to dizer.

Mesmo assim, acompanho-te encharcado de

coragem para decantar termos que preanunciem o
reiterado interesse. Sabes que o modo como
repetidamente me olhas quando te gingas nos teus
passos me desperta a ousadia. Sabes que me vences
com a doçura da magia do gesto com que
acompanhas as poucas palavras.

Mas, quero-te como um alimento e não como uma
veste. Só que ainda não te estudei o suficiente para,
sem te perturbar, concretizar a decisão já tomada.
Quero apreender todo o teu real valor sem que
aconteça recíproca depreciação.

Lembras-te quando fomos em passeio à praia
fluvial? O modo como utilizavas a água, com a
mão, para fingir que me querias molhar e atičares o
lume!...

E repetias a graça com os olhos marotos, presos em
mim, a saborear o resultado da atrevida
experiência...

És jogadora inteligente. Usaste a água para que
acontecesse o milagre.

Bem que me tentei esquivar. Só que, indefeso, me
restou entrar na corrente. Tu a rir na margem e eu,
encolhido, na água fria, dentro da inocência da
corrente. Mas, depois de molhado, voltei, cedendo
ao convite insinuante do teu olhar a acompanhar a
curva repetida do chamamento dos teus dedos. Logo
me enlaçaste para me acalentares. Não soube, então,
se mais por piedade se por instintivo jogo de prazer.
Fiquei-te agradecido e nunca esqueci que recolheste
em ti parte da água que a força da gravidade
escorria da minha roupa. Só por caridosa
solidariedade, não ias tão longe, eu sei.

Denunciaste-te logo na proposta do desafio
seguinte: “Vamos *capar* a água da corrente do rio
com trinchas? Quem ganhar pode exigir do outro o
que quiser sem possibilidade de recusa”. Julgavas
saber quem iria ganhar.

Quiseste apenas servir-te do jogo da verdade para
saberes se de mim emergia mais sentimento do que
instinto.

Só que no lançamento das trinchas quis perder e
foste tu a fazer a exigência sem recusa.

E rias quando assumiste as regras do jogo e me viste
como cordeiro a imolar, submisso! Pois é, o
prometido é devido.

Porque ambos quisemos, com convicção,
celebrámos a exigência. E já lá vai tempo.

Hoje vou propor renovar a ida ao rio, porque, já sei,
que não recusas.

Vais afirmar, como desculpa, que é uma desforra do
atirar das trinchas para *capeamento* da água. Não
sabendo quem vai ganhar, na impossibilidade da
recusa, ambos acabámos por ganhar.

A margem do rio aguarda a tua impaciência. Por
isso, hoje, não vou fazer-te esperar.

J. Carreto Lages





Arrancar um homem das garras de um leão

(e não foi em África!...)

Decorria o mês de Julho, no já longínquo ano de 1967. Dez era o dia e começou com ele uma nova etapa na vida de milhares de mancebos, como eu. Após uma espera de mais de dois anos sobre a inspecção militar (ida às sortes como vulgarmente se designava), eis que chegou o dia da tão aguardada incorporação militar.

O Regimento de Infantaria 5, nas Caldas da Rainha, acolhia mais um curso de Sargentos Milicianos. O mesmo iria decorrer ao longo de onze semanas.

Tratava-se de um período de formação, em que eram ministradas matérias militares e também de preparação física e psicológica para a guerra colonial que, ao tempo, se desenrolava em três frentes. Esta, na generalidade, atingiu a minha geração até ao dealbar do 25 de Abril.

Foi um período muito difícil, especialmente pela alteração de hábitos, de atitudes e de comportamentos, pelo que qualquer oportunidade para aliviar o “trabalho” diário era sempre bem-vinda. Ao final do dia, quando permitido, lá se ia até à cidade, para passear, comer fora do quartel, ficar a conhecer a localidade e acalantar o ânimo...

Os fins de semana, com as contingências inerentes à época, não era fácil ir passá-los à “santa terrinha”, quer pela dificuldade dos transportes, quer pelo dispêndio que isso acarretava.

Foi num desses fins de semana que, tendo ficado pelo quartel, resolvi à tarde ir passear.

Na cidade, estava instalado um circo e decidi ir ao espectáculo. Após a aquisição do respectivo bilhete, entrei e a casa encontrava-se quase repleta. Por tal facto, calhou-me um assento um pouco deslocado, mesmo junto ao corredor onde passavam as feras. O espectáculo desenrolou-se com os vários números habituais e não faltaram os trapezistas, os malabaristas, os cães amestrados e os palhaços. O mesmo culminou com a exibição do número das feras, no caso, leões. O domador foi dando instruções aos animais e estes lá foram obedecendo, fazendo várias habilidades, algumas mesmo de arrepiar! Num determinado momento, ainda hoje me lembro bem, o domador chegou mesmo a meter a cabeça dentro da boca de uma leoa, para gáudio dos espectadores presentes. E com este número terminava o espectáculo. Eis senão quando, - os animais regressavam à jaula pelo tal corredor de que eu estava próximo, formado por grades de ferro mas com barras espaçadas uns dez a quinze centímetros - surgiu um imprevisto. Um homem que se encontrava sentado ao meu lado, certamente

influenciado pela facilidade com que viu o domador passar a mão no pêlo dos animais e mesmo colocar a mão na cabeça de um dos leões, resolveu também “acariciar” um leão. Este reagiu prontamente, pondo as patas dianteiras fora da grade por entre os espaços dos ferros, “abraçando-o” literalmente, pois colocou-lhe uma no peito e outra nas costas. Perante esta situação insólita, pelo menos para mim, reagi prontamente e puxei a pessoa das garras do leão. Gerou-se uma grande confusão e burburinho, culminando com a ida do senhor para o hospital, pois havia ficado com um ferimento no peito. Os ânimos serenaram e lá fui à minha vida, regressando ao quartel.

Passados dois dias, tendo-me deslocado mais uma vez, à tarde, à cidade, e encontrando-me a comer uma sandes e a beber um copo, reparei num homem que tinha um penso no peito, pelo que logo me interroguei se seria aquele o sujeito que tinha tentado fazer festas ao leão... Após alguma indecisão, lá me dirigi ao senhor e, objectivamente, perguntei-lhe se aquele penso tinha a ver com o sucedido. Depois de confirmar tal facto e de dizer que tinha levado dez pontos, informei-o de que eu era a pessoa que se encontrava sentada a seu lado e que o tinha retirado das garras do leão. Agradeceu muito o meu auxílio e lá conversámos sobre as peripécias ocorridas.

Quanto a mim, ainda hoje me interrogo se, com o meu gesto, contribuí ou não para aumentar o rasgo da garra... Todavia, essa foi a única atitude a tomar perante o imprevisto da situação.

C. D.

Acertada Decisão

Quando vim pr’a Academia
Seti-me um patinho triste
Vieram as amizades
E às amigas quem resiste?

Ficou com mais cor a vida
Sorriu com mais alegria
Bendita a hora em que vim
Frequentar a Academia

Se recordar é viver,
É bom voltar a criança
Apesar da nossa idade
Temos um mundo de esperança

Amigas tive-as sempre
Dei, recebi simpatia
Mas nesta fase da vida
Vivam as da Academia

Maria Armanda





Abandono

Que mundo será este!
Em que se abandonam por maldade
As crianças e os idosos
E se apagam as estrelas
Que guiam a humanidade!...

Que mundo será este!
Apetece-me chorar de dor
E ter vergonha dos homens
Que deviam esconder a cara
E morrer de tanto horror!...

Que mundo será este!
Abandonar por seu querer
Aquilo que tanto amamos
E faz parte do nosso ser!
Mesmo aquela flor tão bela
No meu jardim quer viver!...

Que mundo será este!
Tenho mágoa dos que sofrem
Este abandono cruel!
É um sinal de fraqueza,
Chega mesmo a sufocar
E tem o sabor a fel!...

Isabel Maria

Outono



E como sempre acabou o Verão. E como sempre
lhe disse adeus.

Já está à espera que chegue o Outono que tudo
enfeita com seus vermelhos alaranjados.

Mas o Outubro chegou, e doidamente acalorado;
para nosso bem ou para nosso mal, muito calor e
muito sol.

À beira mar as praias cheias. Há muita gente no
areal. De cor, outra vez um estendal. São as
rodinhas coloridas dos guarda-sóis e os retângulos
das toalhas multicores. Um arraial...

Debaixo do céu, por cima do mar as gaivotas a
esvoaçarem, picando de súbito para dentro da água,
agarrando um peixe e logo voando no ar.

E este Outubro tão atrevido, e resolvido a fazer mal,
traz o vento com ele, traz o diabo no ventre.

Avança para o meio rural e vai a vinha queimando,
secando os bagos das uvas. Apressa-te agricultor,
apressa as tuas vindimas...

E o Outono vai andando, assa tudo pelo caminho.
Figueiras esturricadas que até dão figuinhos secos.

Não faz mal, diremos por brincadeira, já tem figos
para o Natal!

E as folhas vão caindo, as árvores já sem roupa,
com os ramos muito escuros estendidos ao Sol. Há
pássaros esvoaçando picando, picando, talvez haja
algum insecto ou talvez um caracol?

E o tempo virou. Com chuva e com vento nos
fustigou.

Virá o Inverno, fará muito frio... talvez vá nevar...

Assim vão passando, estação a estação, os meses
voando sem apelação.

M. José Sampaio

O Meu Poema

Quero devorar
A vida
Não quero
Que a morte me devore
Não quero viver
Morrendo...
Quero devorar
A vida
Antes que a morte
Sempre mais forte
Me devore
Não quero
Queimar horas
Num tempo vazio
Quero vencer o tempo
E viver, viver... !
Quero devorar
Os tempos
Do meu viver
Antes que o tempo
Devore a minha vida.
Quero vencer o tempo
Da terra e do pó
Sempre tão só
Mas quero viver!

GM





As nossas Leituras

As Pequenas Memórias de José Saramago

No livro as “Pequenas Memórias”, José Saramago faz várias incursões ao seu passado mais remoto, infância e juventude, vivido em Azinhaga do Ribatejo, onde nasceu e cresceu no convívio com os avós maternos.

Recorda com um misto de saudade e admiração, os lugares onde passou muito tempo de férias e se fez homem.

As paisagens de oliveiras e milharais, o rio Almonda e as suas margens, os vários Mouchões (terreno arborizado e um tanto elevado no meio da Lezíria) de Baixo, de Cima, dos Coelhoos, são descritas com precisão.

Não foge aos pormenores, quando fala da vida das pessoas da aldeia, a começar pela dos próprios familiares, vida dura, rude e violenta, com a pobreza e a miséria presentes no vestuário, na alimentação, na habitação e na própria execução do trabalho.

Por oposição ao espaço aberto e infinito de que usufruía quando visitava a Azinhaga, em Lisboa vai dispor de pouco espaço, nas casas por onde a família foi passando.

Os pais, como tantos outros naquela época, e não só, migraram para Lisboa à procura de melhores condições de vida, num tempo agitado a caminho do fim da 1ª República.

Família com poucos haveres, em Lisboa mudava frequentemente de casa, sempre à procura de uma melhor. Começaram por habitar quartos alugados em casas de outros, nos últimos andares dos prédios por serem mais baratos. Progressivamente, vão arrendando casas com outras famílias, até poderem alugar uma só para eles, provavelmente por já terem condições económicas para tal.

O texto fala da sua instrução, da facilidade que tinha em aprender e como era a vida de um jovem que frequentava a escola, no seio de uma família de poucos recursos e pouco alfabetizada.

Toda a vivência descrita nesta obra sabemos que deixou marcas e influenciou a vida e a obra de José Saramago.

Conceição Seabra

A Viagem de Elefante de José Saramago



A viagem de um elefante é, entre outras ideias, o que se vislumbra nas palavras do texto. Uma viagem longa que atravessou continentes, deu oportunidades de protagonismo, retratou culturas, estabeleceu pontes, criou situações de controvérsias, suscitou confrontos de opiniões entre fortes e fracos,

provando que o poder não é pertença de uns apenas, mas que circula no tecido social, qual rede invisível que perpassa no mais frágil dos sistemas. Efectivamente, numa linguagem acessível, em que a ficção e a realidade como que se transformam numa unidade indissolúvel, as palavras de José Saramago, grafadas neste texto, mais uma vez, conduziram-me a leituras várias. E tudo à volta do elefante Salomão e do cornaca, Subhro.

Neste texto, os poderes instituídos como que se rendem a outras forças da natureza, – ao elefante e a quem o conduz. Num discurso cheio de ironia e de sarcasmo, esparrama-se perante os nossos olhos um mundo de conflitos, de misérias, de diferenças e de anseios, tantas vezes acomodados, perante o *status quo* da humanidade.

Este texto é um grito de alerta para o papel que cada um desempenha neste mundo de desigualdades. Bem assim, um convite à mudança.

Maria Cacilda Marado

A mulher que vive na Terra, de Swain Wolfe

Swain Wolfe que nasceu em 1939, no Colorado, nos Estados Unidos, e sempre se preocupou com situações antropológicas, sociais, ambientais, apresentou estas problemáticas numa forma muito subtil, numa elegante e mágica parábola que reflecte as apreensões dos nossos tempos.

É, pois, uma história que se torna poética na sua simplicidade e nos impele a reflectir...

Passa-se num lugar assolado por uma longa seca. A terra encontra-se árida, pedregosa, “nunca tanta





terra morrerá por falta de chuva”. Até as pessoas são supersticiosas, más porque as suas “almas estão secas”...

Contrastando com toda esta aridez, Sarah, a principal personagem é uma jovem muito sensível, boa que se preocupa com o que a rodeia: animais, plantas, flores, árvores, a terra seca onde vive com os pais, mais tarde com a bisavó, a sua cabra que lhes dá leite e outros animais domésticos.

Efectivamente, é uma jovem muito, muito especial, para quem até as pedras merecem a sua atenção.

Tem um fascínio tão profundo pelos mistérios da natureza que se deixa envolver por esse universo mágico, o que lhe possibilita comunicar com árvores e animais. É o caso de uma raposa, ou o que ela pensa ser, com a qual se comunica, e surge sempre que ela precisa, ou de compreender algum assunto relacionado com a natureza, ou de ajuda para ultrapassar alguma situação mais difícil.

Com um comportamento tão diferente é natural que atraia as atenções dos outros habitantes da aldeia que, não tendo capacidade para a compreender, sentem desconfiança, considerando-a bruxa porque, para eles, ela está na origem da seca.

Pretendem, por isso, persegui-la para a destruir.

A situação de seca, a vivência das pessoas condicionadas a essa crise, a ignorância, dão origem a sentimentos negativos como o medo, o egoísmo, o ódio, que estão na base dos tão nefastos preconceitos e que são bem evidentes em toda a narrativa, clarificando, ainda mais, a diferença da jovem Sarah, da família e dos seus valores.

É também de notar, no decorrer da história, o que, por vezes, acontece em situações de crise, quer sejam climáticas, neste caso de seca, sociais, económicas, até porque estão normalmente interligadas, surgem pessoas que se aproveitam dessas carências para fazerem acreditar que as conseguem resolver.

São os “vendedores de sonhos, alguém que não consegue tornar os nossos sonhos realidade e que nos vende os nossos piores receios”. Informação dada a Sarah, pela mãe, quando no centro da aldeia, onde vão abastecer-se, vêem uns homens que dizem conseguir fazer chover...

A seca prolonga-se, a miséria alastra... e os aldeãos ficam cada vez mais perigosos.

Assim, o ser estranho a que Sarah chama raposa, convence-a do poder que ela tem de se transformar no que quiser e, desta forma, conseguir fugir do ataque dos vizinhos.

Utilizando, então, a magia do mundo natural ela transforma-se em gelo (uma vez que o nosso corpo tem uma grande percentagem de água).

Ao derreter-se com o calor da fogueira, onde a iam queimar, cai, como chuva, na lenha em chamas. A Sarah/chuva explode para fora do lume e forma uma poça de água longe do alcance dos vizinhos supersticiosos.

Entretanto, surge uma neblina. A Sarah/neblina infiltra-se na multidão, transmitindo-lhe os seus bons sentimentos que anulam os sentimentos negativos que eles possuem. Alguns lutam contra essa intromissão, mas lentamente vão adormecendo.

Nessa altura, conclui-se a magia, e começa a chover! O que já não acontecia há muito, muito tempo...

Eles acordam quando sentem a chuva que os molha, lavando também as suas “almas secas” e as suas atitudes alteram-se completamente.

A chuva continua arrastando a Sarah/neblina para a poça de água formada pela Sarah/chuva.

Sarah salva-se, completamente extenuada e também encharcada.

Passados muitos anos, a história repete-se e a filha de Sarah é também uma criança muito sensível e interessada com tudo que é relacionado com a natureza e com os seus mistérios...

E as muitas questões que a filha lhe apresenta envolvem sempre o mesmo assunto.

- Mãe, a mulher que vive na terra conhece a tecedeira que vive na minha alma?

- Sim, creio que sim.

- Que tece a tecedeira no meio do meio da minha alma?

- Tece uma história que está escondida por detrás de todos os teus pensamentos e sonhos - murmura Sarah. Talvez pensando nas muitas conversas que teve com os pais, a bisavó e a amiga e a estranha raposa, quando tinha a idade da filha...

Não há dúvidas de que atravessamos uma já longa crise ambiental! São as secas prolongadas, em várias partes do mundo, a contrastar com graves inundações, assim como outras catástrofes naturais, que estão na origem de crises económicas, sociais e nos alertam para os perigos que se avizinham, se o homem não alterar determinados comportamentos prejudiciais ao equilíbrio da natureza.

O ideal seria uma mágica transformação, a nível comportamental da humanidade, como a que aconteceu nesta parábola. Mas claro que isto só é possível na ficção...

Há sempre, no entanto, a esperança de que as gerações futuras consigam conhecer, com muita sensibilidade e energia positiva, os mistérios da natureza para poderem integrar-se melhor nela e estimularem o seu tão desejado e necessário equilíbrio...

Conceição Neiva





Generalidades

Notas sobre o Santuário de Nossa Senhora de Vagos*

O actual Santuário de Nossa Senhora de Vagos situa-se na vila de Vagos, a cerca de 2 quilómetros da Vista Alegre.

É local de devoção e peregrinação desde o século XVI. No entanto, há documentação que refere a existência de uma ermida, dedicada ao culto mariano, desde o século XII.

A história deste santuário, que começou por ser uma modesta ermida, está envolta em lendas.

Consta que essa ermida se situaria a dois quilómetros do actual santuário. Há vestígios de uma construção antiga, designada pela população local de “Paredes da Torre”, mas, segundo o Padre Manuel Carvalhais, actual pároco de Vagos e autor do livro “Santa Maria de Vagos” (Coimbra, 2000), não se tratava de uma torre sineira, mas sim de uma torre militar ou defensiva, de vigilância e protecção, mandada construir pelo rei da época. Aliás, há documentação na Torre do Tombo, referida no citado livro do Padre Carvalhais, que atesta não só a existência como a longevidade e importância deste Santuário.

Sobre a imagem, diz-se que um navio francês naufragou, perto dos areais da Praia da Vagueira, cerca do ano de 1185, no reinado de D. Sancho I. De toda a carga, apenas se salvou uma imagem de Santa Maria, com o Menino Jesus ao colo.

Os naufragos sobreviventes, resolvem esconder a imagem, debaixo de arbustos e partem em direcção a Esgueira, para pedirem ao sacerdote dessa vila que organize uma procissão, a fim de trazerem solenemente a imagem de Nossa Senhora para a igreja local. O pedido foi aceite de imediato, mas para espanto de todos, a imagem não se encontrava no local onde a tinham deixado. Segundo esta lenda, o sítio exacto foi revelado em sonhos a um lavrador corcunda, que depois de ter sido curado milagrosamente, por intervenção divina, decide construir uma ermida, como forma de agradecimento.

Mais tarde, o santuário é entregue aos frades de Grijó, que o administraram até 1834.

Vários milagres são atribuídos a esta Santa Maria. Daí, o ancestral culto e devoção, que ainda hoje se mantém.

Outro milagre atribuído a Santa Maria de Vagos, tem a ver com as terras e a população de

Cantanhede. Em tempos idos, Cantanhede sofreu uma seca prolongada, trazendo fome e desespero às populações. Com ardentes preces, pedem ao Céu que derrame a chuva necessária sobre as terras sequiosas. Em dado momento, ouvem, ao longe, um sino de igreja tocar, lá para os lados das terras de Vagos. Para aí se dirigem, renovando as suas súplicas. E o milagre aconteceu. Veio a desejada chuva e o povo agradecido, fez um voto de todos os anos se deslocar de Cantanhede, em peregrinação, para aquele santuário, e distribuir pão e outros géneros pelos pobres da região. A tradição desta peregrinação perdura até aos nossos dias e ocorre durante a festa anual do Espírito Santo.

Muitos outros milagres são atribuídos à Senhora de Vagos. E também há várias lendas relativas a este santuário e à imagem de Santa Maria de Vagos ou Nossa Senhora de Vagos.

Ao longo dos séculos, a igreja sofreu várias restaurações e remodelações, sendo a última e mais significativa, realizada na década de 80 do século XX.

** Este texto foi preparado para apoio ao “Clube Europa”, no âmbito da previsível visita ao Santuário de Nossa Senhora de Vagos, em 27 de Outubro 2011.*

GM

Frases Lidas, Ouvidas ou Lembradas

Nos tempos que vão correndo, ficamos mudos de espanto com o que ouvimos à nossa volta, mas... atenção: “ÀS VEZES O SILÊNCIO FALA MUITO ALTO”. E não esqueçamos: “ATÉ O SILÊNCIO TEM UM FIM”. Numa altura de decisões difíceis, nada é mais verdadeiro que: “CABE DECIDIR E TER QUE ASSUMIR”.

E se é verdade que “O DINHEIRO NÃO COMPRA A FELICIDADE”, (Miguel Esteves Cardoso) também é verdade que “ALIVIA A INFELICIDADE” (Miguel E. Cardoso).

Então vamos ajudar, e vem ao pensamento: “VIVER PARA OS OUTROS NÃO É APENAS A LEI DO SABER, MAS TAMBÉM A DA FELICIDADE” (Augusto Comte).

Subiu o preço da gasolina, que lhe parece? Alguém respondeu: “EU NÃO COMENTO, EU AGUENTO”.

Mas, como dizia Fernando Pessoa: “NUNCA UM VERDADEIRO PORTUGUÊS FOI PORTUGUÊS, FOI SEMPRE TUDO”.

Façamos esse tudo até porque “A VIDA É UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM”.

Eu “ACREDITO NO VALOR DAS PALAVRAS”.

Usarei palavras para consolar, apaziguar, para acalmar”.

“AS PALAVRAS SÃO MUITO FORTES”. Têm poder.





Todos temos liberdade para pensar, agir, empreender e tentar alterar situações, procurando melhorar a nossa vida e a dos outros.

Sejamos activos. “TEMOS QUE ESTAR NA VIDA A TEMPO INTEIRO, SEM DISTRACÇÕES”.

E para fugir à “crise” talvez valha a pena desviar o pensamento e divertir-se.

Tente escrever uma frase em que as palavras comecem todas pela mesma letra.

Eu tentei, não surgiu grande coisa, mas aqui vai:
VAMOS VENCER VENDENDO VEGETAIS,
VAQUINHAS, VELHARIAS, VITAMINAS... VAMOS
VOLTAR VIVER VIDA, VIDA VARIADA.

Votos vão... vejam, variem...

Nota: Algumas frases não têm indicação do autor. Peço desculpa, mas não me foi possível pesquisar.

M. José Sampaio

Um Passeio, uma Lenda

Siracusa e a lenda da Fonte de Aretusa



Na mitologia da antiga Grécia, Aretusa era uma das ninfas que serviam Artemisa (deusa da caça correspondente a Diana dos romanos). Por imposição da deusa, as ninfas teriam de manter-se castas, sem qualquer contacto com seres do outro sexo.

Certo dia, enquanto se banhava no rio, Aretusa foi vista e cobiçada por Alfeu, o deus do mesmo rio, que também se chamou Alfeu.

Aretusa, fugindo de Alfeu, pediu socorro a Artemisa que prontamente a transformou numa fonte que fez surgir na ilha de Ortigia junto a Siracusa. Alfeu, para poder encontrar a sua paixão, lançou-se desde o Peloponeso e, como rio subterrâneo, alcançou Ortigia onde abraçou a fonte

antes de seguir para o mar ali bem perto.

Na linda fonte de água doce, junto do mar, floresceu um belo maciço de papiros que ainda hoje se mantém, segundo dizem, completamente espontâneo. Esse maciço foi admirado por nós e fotografado como se pode constatar na foto que vos ofereço.

Esta lenda era de tal modo importante em Siracusa, que, a partir do ano 480 a.c., uma moeda ali cunhada (decadracma) passou a exhibir o belo perfil de Aretusa.

Maria Elisete Lebre

Leia e Adivinhe

1 – À direita é um homem
Só quatro letras tem
E à esquerda se o quiseres
Só à noite é que vem.

Pista: É um nome

2 – Ave sou e não sei voar
Tenho lã e não sou carneiro
Nessas duas palavras
Disse o meu nome inteiro.

Pista: É um fruto

3 – Qual é a palavra de três sílabas
Que lida às avessas ou às direitas
Significa sempre voltar à vida?

Pista: É um verbo

GM

Variações do verbo pôr

A galinha põe
O vaidoso antepõe
O músico compõe
O teimoso contrapõe
O químico decompõe
A testemunha depõe
O industrial expõe
A lei impõe
O preguiçoso pospõe
O arrependido repõe
O orgulhoso sobrepõe
O caluniador supõe
O ladrão transpõe
E Deus dispõe

Maria Teresa Albuquerque





Natal, Tempo de Esperança

Lengalenga do Natal

É nas lojas que começa o Natal.
Compram-se brinquedos sofisticados,
bugigangas,
estrelas fosforescentes, neve artificial.
Os presentes são embrulhados
em papel dourado,
o Pai Natal veste-se de encarnado,
o amor tem dia marcado.

A decoração é essencial.
Luzes brilham pela cidade
tentando plagiар o céu.
As pessoas querem uma árvore.
Não interessa se no passado Verão
a mata ardeu,
não interessa que seja verdadeiro
o tradicional pinheiro,
ramos de arame e plástico enfeitam-se melhor,
há menos imperfeição, mais cor.

Dias antes do Natal
toda a gente morre de cansaço.
Correr e comprar correr e comprar.
Na véspera faltam ainda
as prendas para a sogra,
para a tia Joaquina,
para o primo Edgar.
Mas logo ali ao virar da esquina,
numa das muitas lojas da China,
é possível arranjar
algo barato e que meta vista
para pôr no sapato.

A ceia foi feita por encomenda.
Abre-se a caixa
e sai o bolo-rei, sem fava, sem prenda;
as rabanadas parecem secas,
pouco douradas;
a hortaliça murchou;
o bacalhau, vá lá,
não ficou mau,
e o peru, céus, o peru,
com a crise, nem vai ao prato,
é só para enfeitar o menu,
só para o habitual retrato.

Cantam-se canções de Natal
sem atender à mensagem,
às metáforas, às conotações.
De passagem pelo salão,
perante a profusão de enfeites e de luz,
elogia-se a decoração:
Que lindo! Que chique! Que bem!
Mas ninguém recorda o aniversariante,
ninguém fala da criança
que há mais de dois mil anos
nasceu em Belém.

As consciências estão em paz.
Hoje
aos sem-abrigo é dada uma boa refeição,
adia-se para a semana a fome e a rejeição.
Hoje
as guerras são paradas,
o terror faz tréguas,
não há bombas nem emboscadas,
adia-se oficialmente para o resto do ano
o horror das mortes, das pessoas torturadas.

De repente
os saldos começam.
As famílias tropeçam numa realidade
monótona e fria.
A caridade é posta em banho-maria.
O Natal passou,
e até o amor (seria amor?)
findou.

Helena





Antevisão

Tempos virão que a terra o Céu será
O campo, o mar, estrelas juntarão.
Numa eterna alvorada, nascerá
Novo dia, p'ra toda a criação.

Lua, sol, seu alvor se juntará
Para cobrir de luz a escuridão.
Denso manto de estrelas baixará,
As crianças com elas brincarão.

Aquela, mais brilhante, a de Belém
Virá, por fim, poisar sobre a pobreza.
E tal brilho trará lá do Além

A sua luz será de tal beleza!
E no Universo reinará o bem
Acabará a morte e a tristeza.



Aida Viegas

Árvore de Natal

Na Árvore de Natal
Para além dos enfeites variados
E luzes a brilhar,
Para além das estrelas
E sinos a tocar
Cânticos de alegria;
Para além disso tudo
Que nos enche o olhar,
Desperta a fantasia
E sonhos de criança;
Eu queria pendurar
Sementes coloridas
De paz e esperança
E corações suspensos
Palpitando de amor
Verdadeiro e profundo
Num grande abraço amigo, universal!
Que bom, se todo o mundo
Fosse uma imensa Árvore de Natal!

Maria Celeste

Natal

Natal!
Para mim, para ti,
para todos nós,
Natal em que se ouvisse
Forte a voz
Que transformasse
Em Paz
Toda esta guerra,
Secasse o imenso pranto
Que abafa os corações
Em todo o mundo.
Natal,
Em que a alegria fosse canto
E chegasse
Até ao recanto
Mais profundo.

Falta ainda esse tempo que há-de vir
Com promessas eternas a cumprir
Que renove em nós a confiança
E faça renascer a nova esperança.

Manuela Frade Trindade Salgueiro

